

**Glucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)**

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena
Editora
Ano 2019

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	<p>Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805</p> <p>1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 361.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928051	
CAPÍTULO 2	9
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6441928052	
CAPÍTULO 3	20
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928053	
CAPÍTULO 4	30
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6441928054	

CAPÍTULO 5	39
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima	
Luiza Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da silva	
Acreciana de Sousa Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6441928055	
CAPÍTULO 6	48
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade	
Kelly Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6441928056	
CAPÍTULO 7	59
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928057	
CAPÍTULO 8	66
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins	
Luana Fernandes Magalhães	
Sarah Maria Oliveira	
Terezinha Teixeira Joca	
Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.6441928058	
CAPÍTULO 9	77
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928059	
CAPÍTULO 10	88
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.64419280510	

CAPÍTULO 11	99
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280511	
CAPÍTULO 12	109
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280512	
CAPÍTULO 13	118
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64419280513	
CAPÍTULO 14	126
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.64419280514	
CAPÍTULO 15	133
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.64419280515	
CAPÍTULO 16	140
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.64419280516	

CAPÍTULO 17	151
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
DOI 10.22533/at.ed.64419280517	
CAPÍTULO 18	160
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.64419280518	
CAPÍTULO 19	172
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64419280519	
CAPÍTULO 20	183
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
DOI 10.22533/at.ed.64419280520	
CAPÍTULO 21	194
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.64419280521	
CAPÍTULO 22	203
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.64419280522	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	211

O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES

Fabiane Cristina Favarelli Navega

FACP- Faculdade de Paulínia

Piracicaba- São Paulo

RESUMO: Objetiva-se apresentar o conceito de Altas Habilidades/e ou Superdotação, discutir a importância do trabalho com artes como instrumento motivador da aprendizagem para esses indivíduos. Fazer a reflexão sobre a realidade da educação inclusiva amparada pelas leis educacionais necessárias a essas pessoas e apresentar a atual realidade do trabalho com Arte desenvolvido com esses alunos.

PALAVRA-CHAVE: altas-habilidades, artes, inclusão.

1 | INTRODUÇÃO

A educação brasileira ainda enfrenta um grande problema no âmbito da educação inclusiva, seja com alunos com necessidades educacionais especiais ou com altas habilidades. Apesar de desde a década de 1.990 abordarem o tema, nossa realidade ainda precisa ser repensada.

A UNESCO (1.990) coordenou um movimento em apoio a educação para todos, neste mesmo contexto temos a Declaração

de Salamanca (1.994) e as Leis de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2.001), juntamente com a LDB (1.996), que asseguram a educação inclusiva.

De acordo com a LDB nº 9394/1.996 (BRASIL, 1.996) estabelece diretrizes para a educação de alunos com deficiência e com altas habilidades. Os artigos 58,59 e 60, abordam essa questão na escola regular, bem como trata de currículo e recursos didáticos, formação de educadores especializados para desenvolverem esse trabalho.

Frente a isso a escolha do tema se baseou na realidade em que muitas crianças na atualidade não são reconhecidas, diagnosticadas e ficam relegadas a uma educação tradicional e paralisante.

Os objetivos do presente trabalho são apresentar o conceito de Altas Habilidades/ Superdotação, apontar a importância dos instrumentos pedagógicos ligados a Arte para o desenvolvimento acadêmico, social, emocional e físico desses alunos, discutir a realidade da utilização desse instrumento pedagógico na atualidade e a capacitação do educador frente a esta problemática.

1.1 O Aluno Com Altas Habilidades

Historicamente acreditava-se que as altas

Habilidades/Superdotação eram explicadas pelo divino. Tempo depois, sua origem era explicada pela genética, e atualmente é atribuída a uma combinação de fatores genéticos e ambientais, sofrendo grande influência pela sociedade e cultura.

Acredita-se que crianças com Altas Habilidades ou Superdotação não apresentam dificuldades escolares e que não necessitam de apoio educacional especializado para se desenvolverem.

Segundo pesquisa do INEP (2.015), divulgado pelo jornal Folha de São Paulo (2.015), o número de crianças com Altas Habilidades ou Superdotação cresceu dezessete vezes em catorze anos, chegando a 13.308 no ano de 2014.

De acordo com o Senso Escolar do Ministério da Educação, em 2.016 havia apenas 15.751 estudantes cadastrados como tendo AH/SD no país (INEP, 2016).

Se analisarmos a incidência de AH/SD é mais comum encontrarmos meninos possuidores destas habilidades do que meninas. Isso devido a nossa cultura, que impõe uma situação onde meninas são criadas para se adaptar ao contexto social inserida, aceitando as limitações, ao passo que meninos são mais incentivados a manifestar suas insatisfações (ARANTES, 2.011).

Aprofundando-se ao assunto sobre a criança com AH/SD constata-se que, esses indivíduos apresentam características cognitivas, emocionais e comportamentais que necessitam ser desenvolvidas e trabalhadas corretamente.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), crianças com altas Habilidades/Superdotação apresentam potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes.

Essas crianças apresentam grande facilidade para a aprendizagem, dominam rapidamente as informações e conceitos, desta forma, questionamos o papel do educador e da escola perante esses alunos, que deve ser baseado em uma proposta de se adequar as exigências da criança. Pode-se ressaltar aqui as possibilidades de adequação e o enriquecimento do conteúdo, a metodologia aplicada, bem como a aceleração de estudos.

De acordo com Joseph Renzulli (2.014), um dos mais importantes teóricos no assunto, a Habilidade acima da média, criatividade e motivação compõem a personalidade desses indivíduos. Ele aponta ainda que existem dois tipos de comportamento de superdotados, os acadêmicos e os criativos-produtivos. O primeiro, são mais fáceis de identificar, são medidos pelos testes de QI e destacando-se nas escolas. Já no segundo tipo, são aqueles com grandes capacidades de desenvolver pensamentos, soluções para a vida social, esses indivíduos costumam ser menos identificados no ambiente escolar.

As crianças que apresentam essas habilidades extremamente desenvolvidas, percebem-se diferente das demais, o que pode resultar em problemas comportamentais ou psicológicos. Para ser aceita ou se igualar ao grupo, muitas apresentam dificuldades comportamentais, baixo rendimento escolar, falta de interesse pelos conteúdos,

decepção e frustração por não serem compreendidos, desinteresse pelos estudos, comportamento inadequado, que podem se confundir com hiperatividade, distúrbios do comportamento ou até déficit de concentração.

Virgulim (2.007) aborda que a grande agilidade na aprendizagem e a facilidade de realização de atividades de seu interesse, são características que marcam essas crianças.

Segundo este autor alguns aspectos são comuns em pessoas com Altas habilidades ou Superdotação: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento produtivo ou criativo; capacidade de liderança; capacidade psicomotora e talento para artes;

Virgolim e Konkiewitz (2.014), Renzulli apresentou um método chamada Triádico de Enriquecimento, que visa relacionar três características presentes nas pessoas com AH/SD, são elas: habilidades acima da média (gerais e específicas), comprometimento com as tarefas, e a criatividade.

Nota-se que a superdotação pode apresentar-se de forma acadêmica e criativa, sendo que a primeira está ligada ao ensino de Língua Portuguesa e Matemática, e a segunda a expressão artística.

Um dos grandes desafios nesta área educacional é o diagnóstico, sendo assim, a apresenta-se as principais características para o diagnóstico: (Dados extraídos de MEC 2007): Aprende fácil e rapidamente; é original, imaginativo, criativo, não convencional; está sempre bem informado, inclusive em áreas não comuns; pensa de forma incomum para resolver problemas; é persistente, independente, auto direcionado (faz coisa sem que seja mandado); persuasivo, é capaz de influenciar os outros; mostra senso comum e pode não tolerar tolices; inquisitivo e cético, está sempre curioso sobre o como e o porquê das coisas; adapta-se com bastante rapidez a novas situações e a novos ambientes; é esperto ao fazer coisas com materiais comuns; tem muitas habilidades nas artes (música, dança, desenho etc.); entende a importância da natureza (tempo, Lua, Sol, estrelas, solo etc.); tem vocabulário excepcional, é verbalmente fluente; aprende facilmente novas línguas; trabalhador independente; tem bom julgamento, é lógico; é flexível e aberto; versátil, tem múltiplos interesses, alguns deles acima da idade cronológica; mostra sacadas e percepções incomuns; demonstra alto nível de sensibilidade e empatia com os outros; apresenta excelente senso de humor; resiste à rotina e à repetição; expressa ideias e reações, frequentemente de forma argumentativa; é sensível à verdade e à honra.

1.2 No caso de Alto Habilidosos Cognitivos:

Vocabulário avançado; perfeccionismo; críticos; contestadores; não gostam de rotina; grande interesse por temas abordados por adultos; facilidade de expressão; desafia professor e colegas; conseguem monopolizar atenção de professor e colegas; preferem geralmente trabalhar de forma individual.

Frente a isso, as escolas hoje em dia apresentam muita dificuldade em

reconhecer e desenvolver um trabalho coerente com essas crianças, devido a falta de conhecimento da equipe pedagógica, falta de instrumentos e estruturas educacionais.

2 | CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE ARTES PARA PESSOAS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

Para um pleno desenvolvimento acadêmico, emocional e psicomotor, faz-se necessário capacitação de educadores, equipe pedagógica, adaptação de currículo escolar e uma estruturação pedagógica para um atendimento educacional especializado. Com relação ao trabalho desenvolvido com crianças com AH/SD no quesito enriquecimento curricular, o principal objetivo deve ser: “cultivar talentos, promover interesses, desafiar potenciais e despertar a criatividade (LANDAU, 2.002, P. 29).

Assim, entende-se que o ensino de artes não deve ser um simples passatempo, cópia ou mera reprodução de obras de artistas famosos. O ensino de artes vai muito além disso.

Reily (2.008, p.37), aponta que já se tem um conhecimento sobre o ensino de arte que “busca contemplar as possibilidades e necessidades de cada grupo, considerando a tecnologia assistiva, procedimentos de trabalho, interlocução com a cultura, modos de apresentar os materiais, linguagens e comunicação”.

O trabalho com artes deve favorecer o acesso a cultura, linguagem, expressão dos sentimentos e emoções, bem como o reconhecimento e respeito as obras e produções artísticas.

O educador deverá ter plena consciência de seu papel de forma a garantir o sucesso desse trabalho especializado.

O ensino de artes deve contribuir para que os alunos possam experimentar vivências em artes, construindo sua identidade, integrando-se no meio social, produzindo novos conhecimentos e desenvolvendo suas potencialidades. A arte caracteriza-se como um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir de suas vivências, assim ela é individual e particular. É o produto da expressão do imaginário, dos sentimentos e emoções do ser humano, mas está muito ligada a ciência. Nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. Desta forma, um ensino criador, deve favorecer integração entre a aprendizagem racional (dos conteúdos) e estética dos alunos (arte). Nesse contexto, a atividade artística constitui-se como essencial a esses alunos auxiliando a superar dificuldades de ordem emocional.

O relacionamento entre educador e aluno se faz necessário, bem como a contribuição familiar. O educador deve ter pleno conhecimento de seu aluno, suas dificuldades e potencialidades, para assim traçar suas metas.

A partir dessas concepções apresentadas até aqui, compreendemos a verdadeira

importância do ensino de Artes na educação, tornando nossos alunos: criativos, reflexivos, independentes, seguros e adquirindo uma aprendizagem significativa.

É sabido que a arte motiva, alegra e empolga qualquer criança, frente a isso fica claro as potencialidades que este trabalho pode desenvolver em nossos alunos, facilitando a abordagem de diversos temas sociais, permitindo observar as ilustradas situações sociais, facilitando discussões e questionamentos de padrões e valores estabelecidos, atingindo os indivíduos em todos os aspectos (físico, emocional, cognitivo e social), ampliando o contato com as manifestações culturais e sociais e acima de tudo, estimulando a criatividade, a capacidade de “pensar fora da caixa”.

Assim, pode-se indicar também que a arte, para os alunos com altas AH/SD, apresenta-se como uma atividade que permite a expressão da criatividade e também proporciona o envolvimento desses alunos em situações desafiadoras que os impulsionam a fazer algo novo que antes não poderiam realizar, ou seja, que desafiam o seu potencial.

Como já apresentado, no que se refere à educação de alunos com AH/SD, estes apenas poderão alcançar um pleno desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades quando tiverem práticas educativas que contemplem todas as esferas de seu desenvolvimento, tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos. Entretanto, de acordo com Piske (2013), é sabido que o sistema de ensino priorize as atividades repetitivas, que apelam apenas para a memória, de modo que essas práticas dificultam que alunos com potencial elevado expressem sua criatividade, o que, por consequência, acaba inibindo que a capacidade criadora e inovadora desses alunos sejam desenvolvidas e aprimoradas. Portanto, muitas vezes, as práticas pedagógicas ofertadas nas escolas deixam os alunos com AH/SD desmotivados, o que acaba gerando grande frustração nesses discentes (PISKE; STOLTZ, 2013).

3 | METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho qualitativo e de pesquisa de campo do tipo levantamento e coleta de dados. Foi realizado uma aplicação de questionário a 9 professores de uma escola privada de ensino, no município de Piracicaba / SP, no decorrer do primeiro semestre de 2018, verificando e levantando informações sobre o conhecimento e a prática pedagógica dos educadores frente ao uso dos instrumentos artísticos em sala de aula, como ferramenta pedagógica no trabalho com crianças com AH/SD.

O instrumento de coleta de dados é composto por 5 perguntas abertas, destinado a educadores da Educação infantil, do Ensino Fundamental I e II, e a análise dos dados será de cunho qualitativo.

4 | RESULTADOS

Os resultados apresentados são resultantes de perguntas aplicadas a 9 professores de uma escola privada situada no município de Piracicaba, que atuam desde a Educação Infantil até o Ensino fundamental II, no decorrer do primeiro semestre de 2.108, e visa apresentar o conhecimento e a capacitação desses educadores frente ao tema do referido trabalho.

O questionário buscava levantar o conhecimento sobre o tem Altas Habilidades e Superdotação, a experiência educacional com esses indivíduos, a utilização das diversas linguagens artísticas no trabalho pedagógico, a capacitação a nível de graduação ou pós-graduação na área de educação inclusiva e a conscientização da utilização da Arte no trabalho pedagógico com crianças com AH/SD.

1-O que você sabe sobre Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD)?

Sujeito 1	São habilidades superiores de compreensão muito além da média das pessoas “comum”, sendo habilidades inatas e aprimoradas com estudos específicos.
Sujeito 2	Sujeitos com alto nível de inteligência, aprendem muito rapidamente.
Sujeito 3	São pessoas que possuem capacidade mental acima da média.
Sujeito 4	São crianças que aprendem com mais facilidade e possuem grande facilidade de aprendizagem.
Sujeito 5	São crianças que apresentam desempenho acima da média, intelectual e/ou acadêmico.
Sujeito 6	Não soube responder.
Sujeito 7	Expressa pessoa com alto nível de inteligência, desenvolvimento acelerado da funções cerebrais. É necessário estímulo, não nascem superdotadas, através dos estímulos elas se desenvolvem.
Sujeito 8	Não tem conhecimento do assunto.
Sujeito 9	São pessoas com características acima da média, nem sempre são superdotadas, mas acima da média e que tiveram oportunidades de aprender.

2-Já teve ou tem algum aluno com AH/SD? Em caso afirmativo, como foi o trabalho desenvolvido com o aluno?

Sujeito 1	Nunca trabalhou.
Sujeito 2	Nunca trabalhou com AH/SD, mas já teve experiência com DI.
Sujeito 3	Nunca trabalhou.
Sujeito 4	Nunca trabalhou.
Sujeito 5	Nunca trabalhou.
Sujeito 6	Não soube responder.
Sujeito 7	Nunca trabalhou
Sujeito 8	Nunca trabalhou.
Sujeito 9	Nunca trabalhou.

3- Você utiliza as linguagens artísticas em seu trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, apresente como é o seu trabalho?

Sujeito 1	Explora imagens visuais da apostila.
Sujeito 2	Trabalha com a cultura, sala multimídia onde apresenta danças e músicas, pinturas, argila e fotografias, tudo de acordo com o assunto da apostila.
Sujeito 3	Sempre que possível, torna a aula dinâmica e prazerosa.
Sujeito 4	Indiretamente usa a dança, música e artes visuais
Sujeito 5	Nas aulas de história e geografia, português e ciências.
Sujeito 6	Utiliza música, artes visuais, imagens e vídeos.
Sujeito 7	Utiliza teatro, dança, música e artes visuais baseado na apostila.
Sujeito 8	Parte da proposta pedagógica.
Sujeito 9	Utiliza alguns recursos nas aulas de história.

4-Você acha que o trabalho com Artes pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos com AH/SD?

Sujeito 1	Sim torna o aluno mais sensível.
Sujeito 2	Sim, é importante para a aprendizagem. Socializa e interage com os outros.
Sujeito 3	Sim, a criança desenvolve-se de forma ampla.
Sujeito 4	Sim, acha que é uma atividade ampla e envolve várias áreas.
Sujeito 5	Sim, acredita que seja interessante e desafiador para o aluno, não sabe muito sobre o assunto.
Sujeito 6	Sim, esses alunos expressam o que sabem através da arte e ajudam os amigos com dificuldades.
Sujeito 7	Sim, estimula a memória, atenção e concentração.
Sujeito 8	Sim, a arte inseri o aluna na sociedade e ajuda a se expressar, valorizando o potencial deste aluno.
Sujeito 9	Não sou capacitado para responder sobre isso.

5-Na graduação você teve alguma abordagem teórica ou prática sobre o referente assunto ou com Necessidades Educativas Especiais?

Sujeito 1	Não tive nada sobre o assunto.
Sujeito 2	Sim, TDAH, Dislexia, DI, Autismo e Hiperatividade.
Sujeito 3	Sim, teoria sobre educação especial.
Sujeito 4	Não tive.
Sujeito 5	Sim Necessidades Especiais, mas superficialmente.
Sujeito 6	Sim, estou estudando na Pedagogia Autismo e TDA.
Sujeito 7	Sim, em psicologia e educação infantil.
Sujeito 8	Não tive.
Sujeito 9	Superficialmente Educação especial, mas não AH/SD.

CONCLUSÃO

Atualmente os alunos com altas habilidades/superdotação são inseridos num sistema educacional que têm objetivos e métodos de ensino preestabelecidos, com práticas muitas vezes descontextualizadas e desmotivadoras de seus interesses. Nesse sentido, a escola atual, a qual é adepta de práticas baseadas na reprodução de conhecimentos que sobrecarrega a memória dos alunos com informações

descontextualizadas, ensino livresco e currículos rígidos, pode contribuir para que o potencial criativo desse aluno seja inibido ou bloqueado. Muitos desses alunos poderão passar a ser classificados com hiperativos, desatentos ou preguiçosos, devido ao desinteresse pelos conteúdos impostos, que estão muito distantes de suas capacidades.

Frente ao trabalho conceitual apresentado e os resultados da pesquisa de campo, conclui-se que os educadores e as equipes pedagógicas estão mal preparadas e capacitadas para reconhecerem, avaliarem e desenvolverem um trabalho coerente com essas crianças, o que se observa é a falta de informação e capacitação para atuar com crianças com AH/SD. Dessa maneira, torna-se um imperativo rever as práticas pedagógicas que são direcionadas aos alunos com altas habilidades/superdotação nas classes regulares, uma vez que a educação especial na perspectiva inclusiva postula que a escola deve adaptar-se às necessidades educacionais desse aluno.

REFERÊNCIAS

- ARANTES-BRERO, D.R.B. **Uma investigação sobre pessoas com altas habilidades/superdotação: dialogando com Marion Milner**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011, 108p.
- BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica – Brasília: 2009a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/subsidios_dcn.pdf acessado em 17/10/09
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Parecer 17, de 3 de julho de 2001. Relatos: Kuno Paulo Rhoden; Sylvia Figueiredo Gouvêa. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, p. 46, ago. 2001.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília. Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação especial, 2008.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.
- LANDAU, E. **A coragem de ser superdotado**. São Paulo: Arte & Ciência, 2.ed.,2002.
- PISKE, F. H. R. **O desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/ SD) no contexto escolar: contribuições a partir de Vygotsky**. 146 f. Dissertação (Mestrado em educação)- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- RENZULLI, J.S. (1978). **“What makes giftedness? Reexamining a definition”**. Phi Delta Kappan, n. 60, pp. 180-184 e 261.
- STOLTZ, T.; WEGER, U. **O pensar vivenciado na formação de professores**. Educar em Revista. Curitiba, n. 56, p. 67- 83, 2015.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. 1990. Disponível em . Acesso em 20/6/2009

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial. <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1695370-numero-de-superdotados-cresce-17-vezes-em-14-anos-nas-escolas-do-pais.shtml>
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-364-4

